

## Evolução e perspectivas da responsabilidade social

O Instituto Ethos acaba de realizar a Conferência Nacional 2001 - Empresas e Responsabilidade Social. O evento, nesta terceira edição, contou com 650 participantes entre dirigentes empresariais e profissionais do setor, e outros 200 não puderam se inscrever por falta de espaço físico. Este fato já demonstra o grande interesse das empresas em debater e aprender a incorporar práticas e políticas socialmente responsáveis. Este interesse é crescente. Nos dois primeiros anos, as conferências tiveram 450 participantes. O Instituto Ethos, em pouco menos de 3 anos de existência, conta com mais de 430 empresas associadas: pequenas, médias e grandes, nacionais e internacionais, dos setores industrial, agrícola, financeiro e comercial, de diversas regiões do Brasil e que totalizam, com seu faturamento, aproximadamente 26% do PIB nacional.

Penso que é o momento de fazer uma reflexão sobre a evolução da cultura empresarial no Brasil. Há apenas 11 anos atrás, na criação da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, me lembro da dificuldade em convencer muitos empresários que fazia parte de sua responsabilidade apoiar projetos na comunidade em benefício da infância. Em 1998, quando o Instituto Ethos foi criado, investimento social já fazia parte das atividades de inúmeras empresas, mas responsabilidade social era ainda confundida com filantropia, com ação social na comunidade. Em 2001 podemos dizer que o entendimento do conceito da responsabilidade social como forma de gestão empresarial que norteia todas as políticas da empresa e todas as suas relações (funcionários, clientes, comunidade, fornecedores, meio ambiente, concorrentes, acionistas, investidores e governo) já começa a ser absorvido por um grande número de empresas, pelo meio acadêmico, pela mídia, pelos trabalhadores, pelos consumidores e pelo público em geral. Certamente há muito caminho a ser percorrido, mas muitas empresas já perceberam que os investimentos sociais na comunidade devem ser acompanhados por um código de ética observado por todos os colaboradores (a começar pelos principais executivos), por um tratamento digno dos funcionários, pelo respeito ao meio ambiente e ao consumidor, por uma política que selecione fornecedores levando em conta suas práticas sociais e ambientais, por uma postura ética em relação aos governos, concorrentes, investidores e acionistas. Começa também a haver um entendimento de que responsabilidade social não é só para grandes empresas mas também para micro, pequenas e médias empresas.

A parceria que o Instituto Ethos firmou com o SEBRAE vai ajudar a acelerar este processo.

Um outro fato novo e importante que está surgindo é a consciência de que uma gestão socialmente responsável pode trazer inúmeros benefícios às empresas. Em muitos depoimentos e pesquisas, a responsabilidade social aparece como responsável pelo recrutamento e retenção de pessoas talentosas, por um bom clima organizacional, pela preferência de investidores internacionais, por um espaço crescente aberto pela mídia e pelo apoio da sociedade e dos consumidores. A pesquisa feita em parceria pelo jornal Valor, Instituto Ethos e Indicator em 9 regiões metropolitanas do país revela que para os brasileiros, aspectos como demonstração de responsabilidade à sociedade, práticas de trabalho e impacto ambiental influem tanto na formação de impressões favoráveis ou desfavoráveis em relação às empresas quanto a atributos de reputação, qualidade da marca e contribuição econômica. Ao julgar se a empresa é boa ou ruim, 63% dos entrevistados levam em conta o tratamento dispensado aos funcionários e a ética na condução dos negócios. O lançamento do Instituto Akatu ocorrido este ano, formando a comunidade de consumidores conscientes, representa um grande passo no engajamento das pessoas, motivando as empresas a aprofundar seu compromisso com a responsabilidade social.

Estas constatações estão elevando a administração da responsabilidade social ao mesmo patamar de gestão, profissionalismo e competência da administração do aspectos financeiros e econômicos das empresas. As ações voluntárias, sob a orientação de uma única gerência, estão sendo substituídas por planos, ações e acompanhamento dirigidos pelo principal executivo da empresa engajando todas as áreas. As empresas estão utilizando cada vez mais indicadores e modelos de relatórios e balanços sociais. Na conferência, o Instituto Ethos apresentou estas ferramentas na versão 2001. Modelos para padronizar a análise e critérios de comparação dos índices da responsabilidade social estão surgindo em várias partes do mundo para orientar empresas, investidores, a mídia e o público em geral. Os relatórios e balanços sociais, para ganhar credibilidade, estão começando a ser auditados por empresas especializadas em auditorias, por ONGS e entidades ligadas aos trabalhadores. A responsabilidade social está passando a ser parte fundamental da visão estratégica das empresas.

O que o futuro nos reserva? Esta é uma grande questão. O setor empresarial possui hoje

[www.nossasaopaulo.org.br](http://www.nossasaopaulo.org.br) e [www.cidadessustentaveis.org.br](http://www.cidadessustentaveis.org.br)

**R  
E  
D  
E** NOSSA  
SAOPAU  
LO



PROGRAMA  
CIDADES  
SUSTENTÁVEIS

um enorme poder. Detém imensos recursos financeiros, econômicos e tecnológicos. Exerce um grande poder nas comunicações, na mídia (que são empresas) e no sistema político e eleitoral. Em 2000, as 5 maiores empresas norte americanas faturaram 50% a mais do PIB brasileiro e as 10 maiores empresas mundiais faturaram o equivalente ao PIB somado do Brasil, Argentina, México, Venezuela, Colômbia e Chile. Quanto maior o poder maior deveria ser a responsabilidade. Mesmo com a expansão da cultura da responsabilidade social empresarial, a distância entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres do mundo era de 3 para 1 em 1820, 11 para 1 em 1913, 30 para 1 em 1960 e 74 para 1 em 1997. Hoje mais da metade da humanidade vive abaixo do nível de pobreza. As mudanças climáticas e o esgotamento dos recursos naturais do planeta estão ameaçando de extinção a espécie humana no decorrer deste século. Creio que será inevitável entrar nos próximos anos de forma vigorosa na agenda da responsabilidade social empresarial um debate mais estrutural e profundo sobre o papel e a responsabilidade das empresas na construção de um mundo socialmente mais justo e de uma economia ambientalmente sustentável, nos planos local, nacional, continental e mundial. Esta reflexão já começou e esteve presente em diversos painéis da conferência do Instituto Ethos e está ganhando espaço crescente em diversos fóruns internacionais. A pressão e a cobrança pelo engajamento das empresas no bem-estar da humanidade e na preservação do planeta será cada vez maior nos próximos anos. E, no meu entender, quanto mais cedo surgir o debate e o compromisso com a responsabilidade melhor para todos nós, para o nosso país e para as futuras gerações.

Oded Grajew